



Director literario:  
*Alfredo da Silva*  
 PAPIM

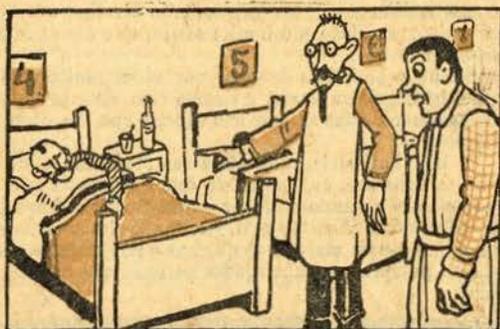
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

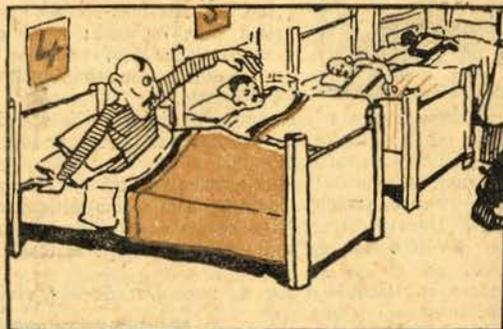
Director artistico:  
*Luiz de Almeida*  
 PAPUSSE

# MORTO-VIVO

DUMA ANEDOTA  
 POR DEZIDERIO



Num hospital. —«Este está  
 Já morto! não há que errar!...  
 —(Diz ao enfermeiro o médico)—  
 Pode mandá-lo enterrar!»



—«Não estou morto; estou vivo,  
 —(Põe-se o enfermo a dizer)  
 Venha cá, senhor doutor,  
 Que eu não quero inda morrer!»



O enfermeiro, então, de lá,  
 Ao morto que quer' viver,  
 Grita com ira e rancôr:



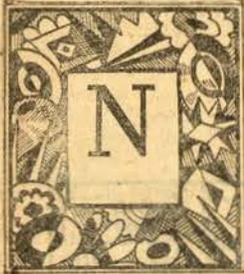
—«Seu bruto, cale-se, já,  
 Então você quer' saber  
 Mais do que o senhor doutor?!...»



# A ROSA VERMELHA

: P O R D Y N E T T E :

DESENHO DE EDUARDO MALTA



O jardim viam-se muitas flôres, de todas as qualidades e tamanhos, enchendo os canteiros com as suas variegadas cores e perfumes.

Aqui, estavam os lírios, sempre tristes e mudos; ali os malmequeres, feiticeiros que diziam às raparigas se lhes queriam bem ou mal; além os cravos vermelhos, vaidosos e arrogantes nas suas hastes altas e delgadas.

Nos velhos muros, a hera subia, verdejante e frêscas, de sociedade com as alegres campainhas que, ao menor sopro do vento, tilintavam harmoniosamente.

Mas num recanto do jardim moravam as rosas, vaidosas criaturinhas sobranceiras e bonitas, que se empertigavam todas nos troncos vigorosos e cheios de espinhos, espalhando pelo ar o seu perfume ao mesmo tempo delicado e capitoso.

O mais interessante é que, no meio de cada flôr, vivia um homemzinho ou uma mulherzinha (a alma da própria flor) tão pequeninos que as pétalas perfumadas eram as suas casas que se fechavam ao primeiro orvalho da noite e se abriam ao primeiro raio de sol.

Aí, recebiam elas a visita das abêlhas que lhes vinham contar os seus trabalhos e vida do cortiço; as borboletas, com as suas histórias de sol e de mil cores; e até os gafanhotos, que, felizmente, só poucas vezes as vinham visitar e que vinham sempre mexerica contando-lhes a vida dos vizinhos.

Ora as flôres viviam todas bem umas com as outras, a não ser uma rosa vermelha, que era sem dúvida a mais linda de todas mas, por isso mesmo, a mais arrogante.

A rapariguinha que se recolhía dentro das suas pétalas cor de fogo, era a figurinha mais elegante e mais perfeita de todo o jardim e mostrava-se por isso mesmo muito orgu-

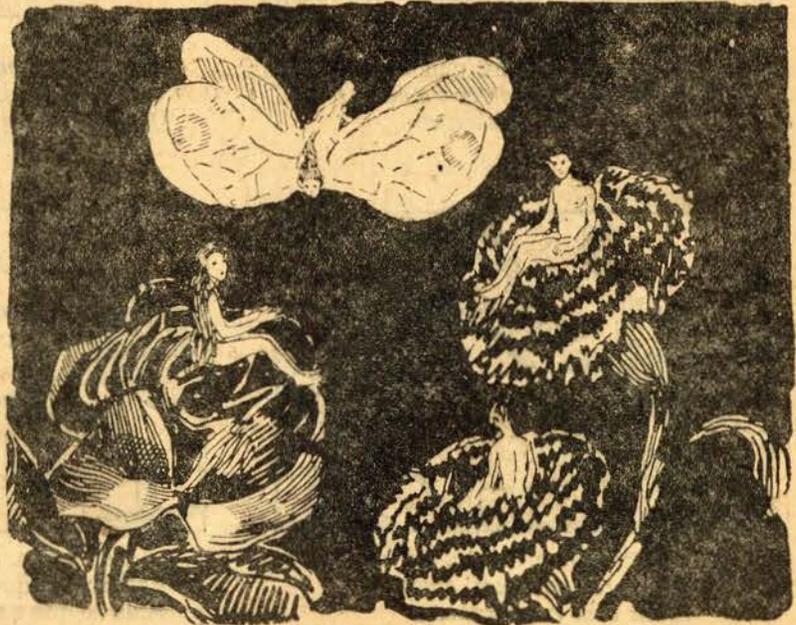
lhosa da sua belêza, contudo abaixando a cabeça às outras companheiras.

Ria-se da madressilva, uma freirinha modesta e tímida que floria na parêde em que se encostava a roseira, e da camélia, tão bela, mas sem cheiro, apesar dos seus ares de grande dama.

O cravo vermelho, por ser ainda seu parente, já lhe tinha ralhado pela sua toleima, mas a vaidosa, enfeitou-se com as suas melhores pérolas (presente do orvalho, um seu grande amigo) e estava tão bonita assim, que êle se calára enfeitado.

Só uma borboleta branca, por já ser muito velhinha e muito bôa, se fazia ouvir, e mesmo com essa se intrometia obrigando-a a calar-se, por não saber o que lhe dizer que a vencesse.

A boa borboleta, que era a sua Madrinha e lhe queria como a filha sua, entristecia-se com a antipatia que a Rosa Vermelha ia creando entre as outras flores, ralhava-lhe por ter educado a filha tão mal, excitando-lhe a vaidade, pois lhe dera o setim mais lindo que havia no jardim, e que eram as suas pétalas e o embriagador perfume que a todos subjogava.



Mas a roseira respondia que a filha era boa, apesar da sua má cabeça, e a estouvada sabia-a endoidecer com festas e carinhos.

Ora, uma manhã em que o sol já tinha dado os bons dias a todo o jardim (o mundo das nossas flores) a rosa vermelha, mais bela do que nunca, viu vir a voar pelo ar um velho abelhão, muito barbudo, de casaca ás riscas pretas e amarelas e que não tinha lá muito boa cara.

Voando sempre, andou à volta das outras flores, e a todas beijou, com a feia boca tão grande que metia medo, sem que elas pudessem protestar. Vinha já contente para junto da linda rosa, que, cheia de rancôr lhe seguia os movimentos aterrorisada.

Os olhos redondos e pretos do abelhão viram as lindas pétalas da flôr tão perfumadas, que deveriam conter tão saboroso mel, viu a mulherzinha que nelas se escondia apaixonada e ficou logo apaixonado.

A coxear, veio para a beijar também.

A flôr trémula de susto e de raiva quiz fechar as pétalas vermelhas, mas o velho matreiro bem sabia que só à hora do crepúsculo o podia fazer, e avançava cantarolando na sua voz rouca e fanhosa,

Mas, quando ele estava quasi a poisar na rosa um lindo tira-olhos de ásas transparentes e irisadas veio interpôr-se entre a rosa e o seu perseguidor.

Anciosa, pondo as mãos, a rapariguinha seguiu anciosa o resultado da luta, pois que imediatamente os dois se puzeram a lutar e os olhos enchiam-se-lhe de reconhecimento ao vêr o tira-olhos, tão altivo e tão gentil, avançando, com perigo da própria vida para a espada do seu adversário, que era o ferrão.

Quando o abelhão esperava feri-lo de morte e se deixou cair a fundo com a arma em direcção do peito do inimigo, este, mais lépido que o vento, esquivou-se com o corpo e com um empurrão deitou a terra o velho abelhão que logo caiu morto.

O ferrão tinha-se enterrado todo no caule da rosa que, livre de perigo, beijava as mãos do seu libertador.

Se até aí era orgulhosa e vaidosa a rapariguinha, tornou-se impossível, ao vêr o amor que lhe tinha o tira-olhos que não se tirava do pé dela a dizer-lhe galanteios.

A madrinha por mais que lhe ralhasse não servia de nada, e tão tola se tornou que, um dia, a Fada dos Jardins, que passeava por acaso ali perto e a ouvia, se indignou e jurou castigá-la, e a todas as suas companheiras que como ela se mostrassem importantes, ferindo com os seus espinhos as outras flores.

Por sua ordem, os ventos sopravam toda a noite sem descanso, desfolhando as rosas e privando assim de suas casas, os habitantes.

A vaidosa rapariguinha que era tão tóla, viu-se de repente

sem casa onde se abrigasse, privada de conforto, e chorou então amargamente a sua vaidade, mas tarde demais, pois impelida pelo vento foi pelos ares, ter a um alto castanheiro.

Tranzida de frio, pois já não tinha as pétalas perfumadas e quentinhas da mãe para a resguardar, esperava morrer ali, longe do seu amado, quando ouviu uma voz muito doce que lhe dizia com bondade:

—Queres vir descansar um bocadinho dentro da minha casa?

A rosa voltou-se e viu dentro duma casinha, muito suja e cheia de picos, uma velha castanha que se sorria toda contente. O frio era intenso e a rapariga tinha fome, por isso, vencendo a sua repugnância, entrou.

A casinha, que por fóra metia medo, era limpa e bonita por dentro, e uma caminha muito fôfa estava mesmo a convidá-la lá dentro.

Assim viveu muitos dias, ajudando a velhinha na lida da casa, a fazer o jantar, sempre sorridente e amavel, já esquecida dos seus antigos modos arrogantes.

Só sentia saudades da pobre mãe, que morrera por tão mal a educar e do tira-olhos, tão lindo e tão valente.

A fada, que afinal era boa e viu que o castigo tinha sortido efeito, quiz recompensá-la da modificação e fez com que o tira-olhos fosse, por acaso, descansar no castanheiro.

A rosa, ao vê-lo, ficou louca de alegria e abraçaram-se por muito tempo. Então o tira-olhos, que não a esquecerá, disse-lhe:

—Vem comigo partilhar da minha vida, levar-te-hei à minha terra, que é num jardim, muito longe daqui, onde eu tenho um palácio perfumado, no meio de jasmineiros em flor. Aí terás a paz e o descanso que ambicionas e serás a rainha do meu reino, pois sou eu o rei de todos os insectos.

—Aí, leva-me contigo, quero ser feliz também!

Dizia-lhe ela, beijando-lhe as mãos a chorar e a rir de alegria.

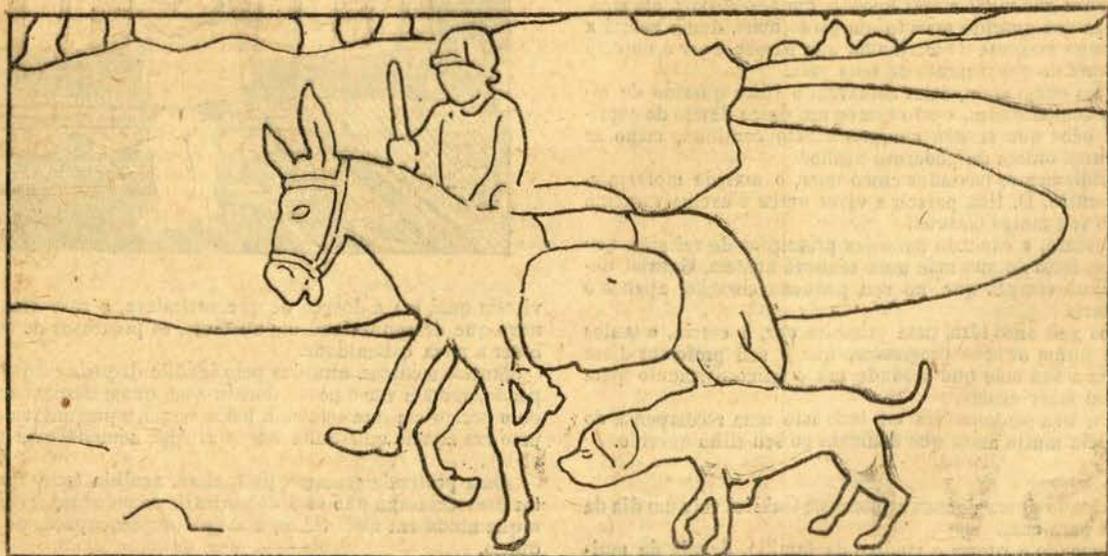
Depois de terem agradecido à boa velhinha, e de terem dito adeus àquela terra, o tira-olhos lançou-se pelos ares, voando e levando ao colo a filha da rosa vermelha, que não cabia em si de contente.

Passados muitos anos a linda rosa de fogo refloriu por sua vez e umas pétalas brilhantes a enfeitaram, mais maravilhosas ainda do que as que tinha a mãe-roseira, junto ao velho muro.

Teve muitas filhas, todas tão bonitas como ela, mas, como se lembrava da sua historia, nunca lhes deu sédas nem joias e nenhuma foi tão vaidosa como ela tinha sido, e por isso, mais felizes.

O tira-olhos e a Rosa Vermelha morreram de velhos, rodeados dos filhos que os respeitavam e estimavam, conseguindo, pela sua conduta, que a Fada dos Jardins, dotasse estes últimos, com as maiores riquezas e qualidades.

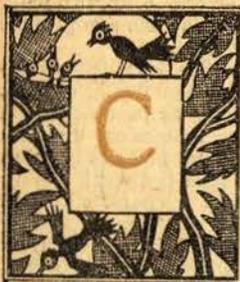
## PARA OS MENINOS COLORIREM



# F E R

Por FERNANDO A. SIMOES

Desenhos de Eduardo Malta



COMO chorava a pobre mãe!

E como não chorar?!

Pois o filho querido da sua alma, uma nesga de si própria, que ela criara e encaminhara, com uma ternura louca, havia de morrer assim?!

Não, não! Impossível!

E a pobre mãe, sentindo que, pouco a pouco, a aflição de que estava possuída a ia enlouquecendo, torcia as mãos niveas e belas, e rangia os dentes, numa

confirmação da sua impotência para salvar o seu filho, o seu Gabriel.

E, com saudade, como se êle estivesse já morto, ela ia revendo desde que, pela primeira vez, chorara até dizer «mamã»!

Que alegria louca, quando isso sucedeu!

E depois? quando com as gordas pernitias a tremer, e estendendo as mãos, como que a procurar um ponto de apoio, êle dera os primeiros passos?

E, a pobre mãe, num tão grande desespero, que quasi nem chorar podia, ia revivendo, pois também ela os vivera, todos os progressos, todas as demonstrações de inteligência que o seu querido filho dera.

D. Ilda de Sousa, era uma boa senhora, que conservava, apesar dos seus trinta anos, todos os vestígios daquela formosura sem igual, que havia apaixonado o seu pobre marido.

Casara aos vinte e dois anos, e, um ano depois, ela mostrava ao seu querido marido um gordo nené, duma belesa a um tempo máscula e efeminada, que passou a ser o objecto constante do pensamento de seus pais.

Ricos como eram, êstes cercavam o filho querido de todas as comodidades, e não houve um único desejo do caprichoso bebé que se não cumprisse acto contínuo, como se fosse uma ordem de poderoso senhor.

Infelizmente, passados cinco anos, o marido morrera e, desde então, D. Ilda passou a viver única e exclusivamente para o seu meigo Gabriel.

Crescera, e educado naqueles princípios de religião, que haviam feito de sua mãe uma senhora austera, Gabriel demonstrara sempre que no seu pequeno coração, apenas o bem teria logar.

Aos seis anos fôra, pela primeira vez, à escola, e tantos e tais fôram os seus progressos, que o seu professor disse um dia a sua mãe que a idade era o único obstáculo para Gabriel fazer exame.

E a boa senhora via em tudo isto uma recompensa do céu, pelo muito amor que dedicara ao seu filho querido.

Atacado duma doença misteriosa, Gabriel veio um dia da escola para casa.

Chamado à pressa o médico da família, depois de mui-

tas hesitações, êste declarou não saber de que género de doença se tratava, pois, conquanto se parecesse com uma paralisia, era, no entanto, muito mais perigosa, pois os membros colhidos apresentavam todo o aspecto de estarem empedernidos.

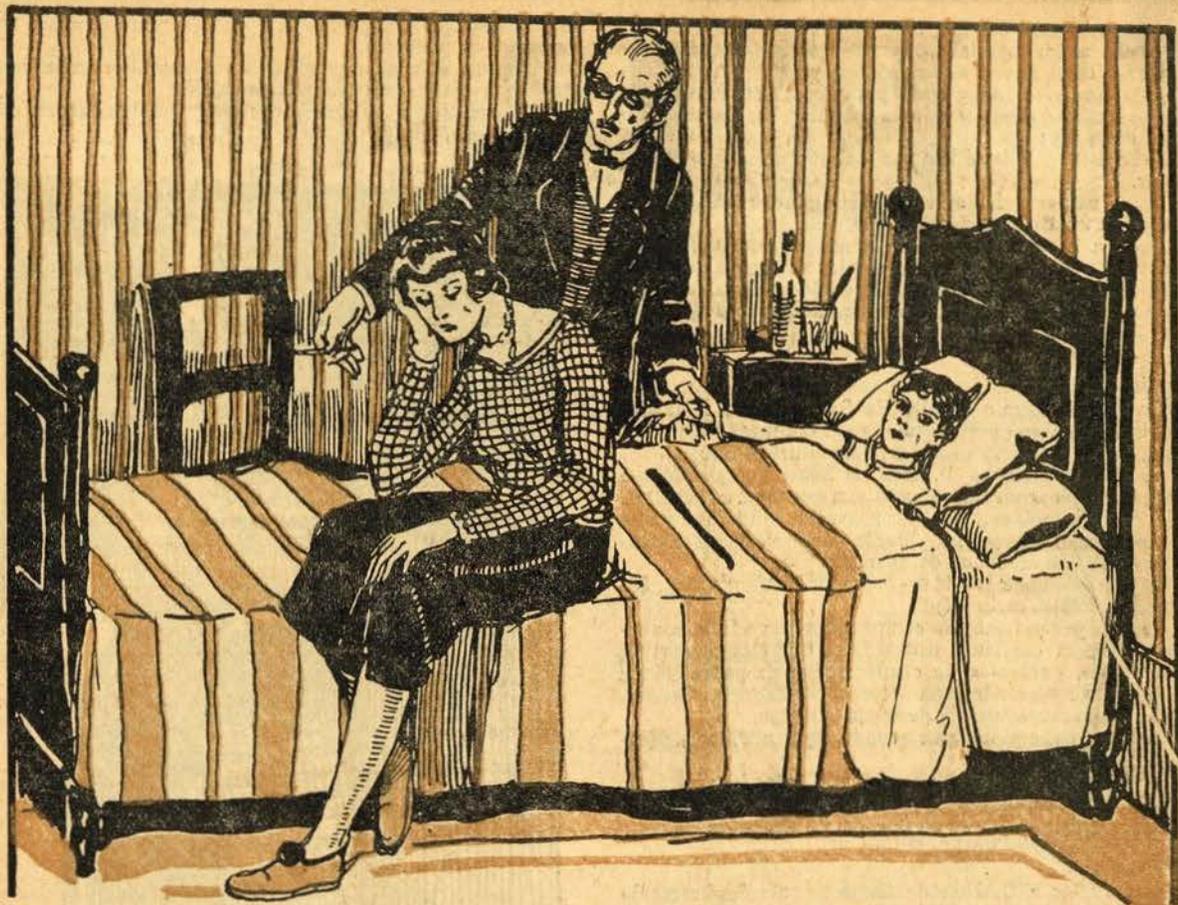
Aflita, a pobre senhora mandou chamar mais dois médicos conhecidos, verdadeiros sábios da mais nobre sciência, e os três, depois de um prolongado estudo ao doente, fôram unânimes em declarar a sua impotência, pois, conquanto



vissem qual era a doença de que se tratava, o caso era tão novo que desconheciam, em absoluto, os processos de combater a nova calamidade.

Muitos médicos, atraídos pelo inédito daquele caso estuendo, vieram ver o pobre doente que, quasi desconhecendo o perigo em que estava, a todos sorria, e perguntava que peso era aquele que tinha nos pés, que nem deixava movê-los.

Uma profunda sensação de tristeza, acolhia todos quantos presenciavam, não só a dor infinita da pobre mãe, como, o que ainda era mais triste, a alegre despreocupação do pequeno.



E, ao passo que a doença ameaçadora e terrível, subia, pois os pés e as pernas, até quasi aos joelhos, estavam já empedernidos, a pobre mãe sentia, que a dor a alcançava de modo tal, que difficilmente poderia por mais tempo resistir ao seu infortúnio.

E urgia combater a doença eficazmente, sem perda de um minuto, pois que sem parar, sem perder tempo, esta subia, subia sempre, e, como se estivesse um punhal apontado ao coração da pobre mãe, a cada centímetro, a cada milímetro que a doença subia, cada centímetro, cada milímetro de aço que entrava naquele desventurado coração.

De tal modo a nova doença despertava a sciência médica, que em todos os laboratórios, em todos os grandes centros médicos, se estudava e se discutia, com uma paixão e um interesse tão grande, que esses grandes apóstolos da saúde, que são os médicos, se haviam tornado merecedores de todas as provas de gratidão que se lhes pudesse dar.

Mas... de que servia tudo isso?!

Não houvera ainda laboratório algum, onde se tivesse descoberto a chave do enigma, pois aquella doença era como um intrincável problema, que tivesse vindo pôr à prova a intelligência e o saber de todos os que se interessam pelas enfermidades humanas.

E a maldita doença, de tudo e de todos se parecia rir, pois subia, subia sempre.

Foi então que uma grande celebridade americana, que havia muito já, se dedicava ao estudo daquela doença, pois para elle já não era nova, e cujos estudos se haviam rodeado do maior sigilo, avisou a medicina lisboeta que viria a Lisboa de propósito estudar o misterioso caso.

Tão grande era a celebridade de que estava rodeado o famoso médico, que em todos os corações que se haviam comovido com a dor infinita de D. Ilda, entrou a esperança de verem curada a meiga criança.

Efectivamente, quinze dias depois de se ter recebido o aviso desembarcava em Lisboa o grande sábio.

Sem descanso, mal desembarcou, acompanhado por algumas das maiores figuras da medicina portugueza, dirigiu-se immediatamente ao palacete de D. Ilda de Souza.

Depois de ser apresentado à pobre senhora, cerimónia indispensável, mas durante a qual o americano demonstrara a sua impaciência, foi finalmente introduzido no quarto do doente.

Acompanharam-o alguns médicos, e D. Ilda de Sousa queria a todo o custo ver quais os resultados a que elle chegaria.

Mal entrou no quarto, o americano dirigiu-se logo à cama do pequeno Gabriel, e, sem tornar a falar, sem mesmo se preocupar com os que o rodeavam, procedeu immediatamente ao estudo dos sintomas da terrível enfermidade.

A medida que novas conclusões se lhe apresentavam, o yankee sorria, ou enrugava a testa, conforme eram boas ou más as soluções a que chegava.

Durou perto de duas horas o exame.

Duas horas que, para a pobre mãe, foram dois séculos de tortura, pois se umas vezes a fisionomia sorridente do médico, lhe infiltrava no coração a esperança, outras vezes a sua testa enrugada e o sobreolho franzido, eram para ella como que uma sentença de morte.

Finalmente, o sábio deu o seu primeiro exame por terminado, e perguntou aos seus colegas portuguezes se havia em Lisboa algum hospital onde, com todas as comodidades, pudesse tratar a pobre criança.

Indicaram-lhe o hospital de Santa Marta, e o yankee ordenou, então, que o levassem para lá sem perda de tempo.

A todo o custo queria D. Ilda de Sousa que o seu filho fôsse tratado em casa, mas conformou-se, quando lhe disseram que era forçoso levarem-no para o hospital onde nada lhe faltaria.

Ja o sábio a sair do quarto, quando D. Ilda se lhe aproximou e, contendo a custo as lágrimas que desde o principio do exame a sufocavam, lhe perguntou se o estado do seu Gabriel era desesperado.

Não querendo dar-lhe uma esperança, que podia não vir nunca a ser realidade, mas não querendo também desesperá-la sem haver talvez motivo para isso, o generoso médico sorriu, e, apontando para um Cristo crucificado que se achava pendurado na cabeceira da cama de Gabriel, disse-lhe:

—Peça-lhe! Pois só Ele com os seus milagres o poderá salvar.

Estas palavras foram como que um novo horizonte de felicidade aberto para a pobre mãe.

No seu desespero, esquecera o meigo Nazareno, aquele que tudo pôde, e agora, que o médico lho havia indicado, ela pediu, com toda a sua alma, perdão ao doce Jesus, por aquele aquecimento, e caindo, imediatamente de joelhos, orou fervorosamente.

Gabriel foi para o hospital de Santa Marta. Dois dias depois o americano preparava-se para lhe fazer a operação, pela qual se decidiria a sorte do desventurado Gabriel.

Haviam proibido a D. Ilda de Sousa que assistisse à operação; nem sequer lhe permitiram que fôsse ao hospital.

A boa senhora, conquanto conservasse ainda uns restos de anciedade, estava, no entanto, já absolutamente tranqüila acerca do resultado da operação.

Era tão grande a sua fé no Salvador do mundo, que considerava já como certa a cura.

Para as pessoas que não compartilhavam a fé da boa senhora, aquela confiança ilimitada no que elles chamavam uma utopia, enchia-os de comiserção pela pobre mãe, e pensavam quão grande seria o desespero daquela alma se a sciência não conseguisse a desejada salvação.

Seriam três horas da tarde quando, em Santa Marta, principiou a operação.

A essa hora, atacada por um mal-estar inexplicável, D. Ilda de Sousa, dirigiu-se ao oratório, e aí, debulhada em lágrimas, ajoelhou diante da imagem do Redentor.

—Salva-o, meu Deus! Salva-o!

Milagre!

Afigurou-se a D. Ilda de Sousa que um dos braços do mártir do Calvário, se desprendia da cruz e se estendia lentamente em direcção a ela.

Parecia-lhe que o seu rosto se animava, emquanto um sorriso de bondade lhe floria nos lábios.

E, lentamente, com doçura, o rei dos Judeus, falou:

—Mulher! O teu filho será salvo pela muita fé que em mim depositaste!

Mais nada.

O braço voltou novamente ao seu lugar e o rosto tornou ao que era dantes.

Não encontrando nada que dizer, pois estava como que abafada pela sua felicidade, D. Ilda murmurou apenas:

Obrigada, meu Deus!

Saindo do oratório, D. Ilda de Sousa dirigiu-se ao seu quarto, vestiu-se e saiu em direcção ao hospital de Santa Marta.

Todos, quantos com ela falaram, desde que saiu do oratório até que saiu de casa, não lhe conseguiram ouvir outras palavras que não fôsem estas:

—Meu anjo! Meu Gabriel! Estás salvo! Que felicidade a minha!

Preguntaram-lhe porque motivo dizia ela que o filho estava salvo, se não saíra de casa, e ninguém viera ainda do hospital participar o resultado da operação; ela nada ouvia, a ninguém prestava atenção.

Quando chegou ao hospital, pensou se deveria ou não entrar na sala de operações.

É verdade que o médico lho tinha proibido, mas que lhe importava? Abriu a porta e entrou.

Pelo rosto consternado dos médicos, adivinhou que a operação, pouco ou nenhum resultado havia dado.

Uma hora antes, aquela consternação, seria a sua condenação à morte, mas, agora, sorria-se: estava certa a salvação do filho; assim lho tinha prometido o doce Rabi.

Procurou com a vista o filho, e encontrou-o sentado numa cadeira alta, cheia de almofadas, com uma travessa adiante para não cair.

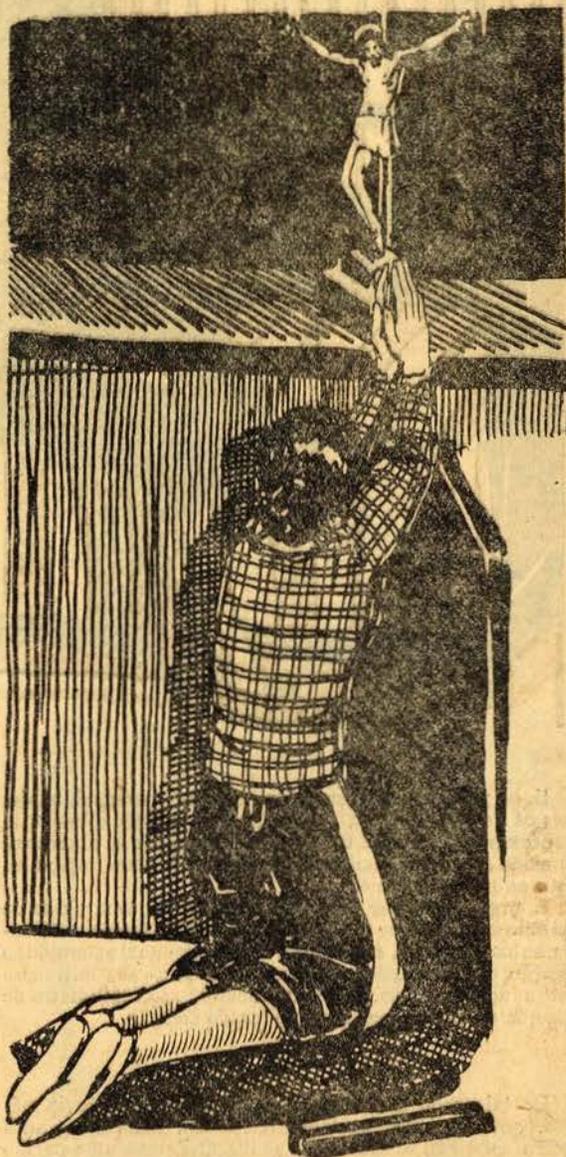
Rígido, completamente imóvel, dir-se-ia que apenas o cérebro e o coração trabalhavam. Assim, pois, a operação havia resultado infrutífera!

O sábio americano, ferido no seu amor próprio, estava desesperado, e todos quantos o rodeavam, observavam,

comovidos, quão impotente é a sciência para combater os mistérios da Natureza.

Estavam todos tão mergulhados nas suas tristes reflexões, que nem viram quem acabava de entrar.

Sempre com o seu sorriso confiante, em que parecia re-



flectir-se o meigo sorriso de Jesus, D. Ilda de Sousa caminhava atentamente para o filho.

Gabriel olhava para ela e sorria-se também, murmurando:

—Mamã! Mamã!

Mas eis que, com surpresa de todos, o pequeno estende os bracitos nus para sua mãe, como que convidando-a a lançar-se nêles.

Depois, como sua mãe o não fizesse, êle disse sorridente:

—Espera, então! Eu vou ter contigo!

E, cuidadosamente, com mil precauções, as suas mãos agarraram o pau, que, atravessando a cadeira, evitava que êle caísse; tirou-o e desceu.

Apanhando-se no chão, firmou-se bem nas pernas, e devagar mas com firmeza, caminhou para sua mãe.

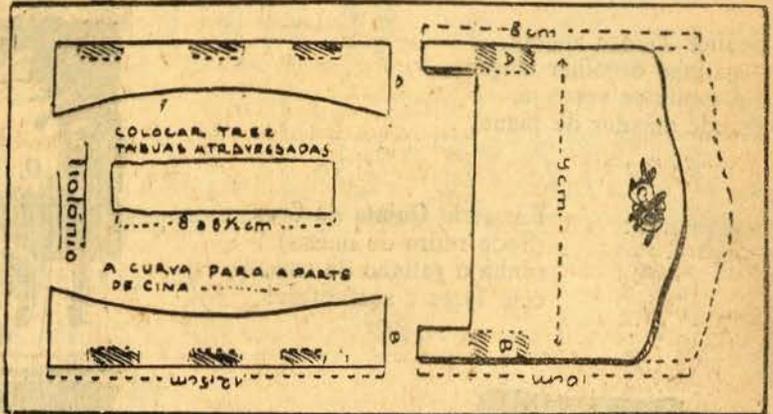
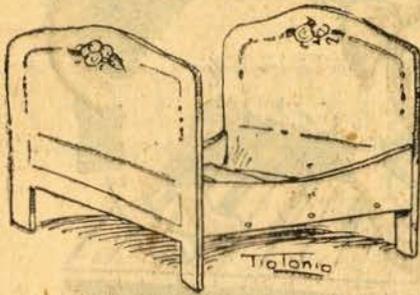
Seria efectivamente um milagre do céu! Seriam os resultados da operação, que só agora se patenteavam?

Fôsse o que fôsse; o certo é que Gabriel, desceu da cadeira e caminhou para sua mãe, que, não podendo resistir por mais tempo, correu para êle e estreitou-o nos braços, chorando de alegria.

Enormemente espantados com aquele caso absolutamente

# HORA DO RECREIO

## UMA CAMA DE BONECA



Caríssimos sobrinhos,

Já por diversas vezes me tem pedido que ensine a forma de fazer, facilmente, mobílias e outras coisas, de caixas de tabaco.

Começo hoje, por um dos móveis mais fáceis.

—Recorta-se a madeira como a gravura indica, podendo ser pintada a tinta branca ou outra côr.

A F É (Continuação da página anterior)

imprevisto, nenhum daqueles homeus sabia a que attribuir aquele verdadeiro milagre.

D. Ilda, sempre com o filho nos braços, como que receando que lho tirassem, vestiu-lhe à pressa o seu fatinho, pois o pequeno estava completamente nú e, sem sequer dirigir a palavra a ninguém, tanto a sufocava a alegria, caminhou com ele para a rua, onde se meteu na sua carruagem, seguindo imediatamente para casa.

Todo o mundo scientifico festejou o dr. William Rauss pela sua grande vitória sobre uma desconhecida e misteriosa doença, pois o caso do pequeno Gabriel era já conhecido em todo o mundo.

A própria D. Ilda de Sousa recompensou largamente o sábio americano que, juntamente com a boa senhora, era uma das poucas pessoas que não acreditavam no seu triunfo.

Tanto para elle, como para a mãe de Gabriel, a cura era devida unicamente àquele que tudo pode: — Jesus!

E enquanto por todo o resto do mundo se enchia de louvores a sciência e o Dr. William Rauss, por aquele caso milagroso, no palacete de D. Ilda de Sousa, poder-se-ia encontrar esta, rodeada, à direita, pelo seu querido Gabriel e à esquerda pelo americano, todos três ajoelhados no oratório da casa, agradecendo a Jesus a felicidade que Ele acabava de lhes dar.

E para todos três era fora de dúbida que, embora ajudada pela sciência na pessoa do Dr. William Rauss, apenas a FÉ de D. Ilda de Sousa, havia salvo o meigo Gabriel.

F I M

A cabeceira da cama é um pouco mais alta. Depois de tudo feito, a mana mais velha ou a mamã, farão um colchãozito à medida, um travesseiro, etc.

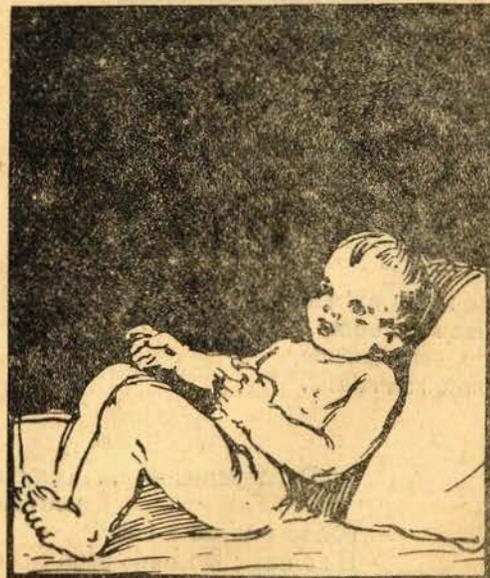
E então, estão satisfeitos?

Saudades do Pim, da Pam, do Pum e do vosso amigo.

Rua do Século, 43 Lisboa TIOTONIO

### OBSERVAÇÃO

O lindíssimo conto oriental que publicamos no nosso número anterior, intitulado: — «O REI DO MUNDO», é tradução do nosso presado e ilustre colaborador Dr. Mario Alves Pereira, de autoria ignorada, e constitue uma preciosíssima herança da literatura Pahlí.



Meus  
meninos:  
Vejam  
se  
descobrem  
aqui a  
avózinha  
dêste  
menino.

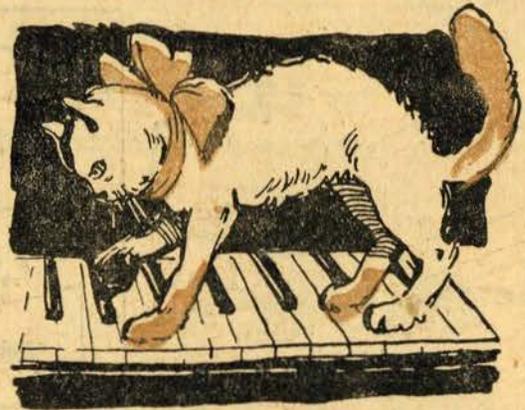
# TARECO COMPOSITOR

POR GRACIETTE BRANCO

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

Senhor Tareco angorá,  
—gatinho de olhar magano,—  
Há muito se sente já,  
grande amador de piano...

Em certa Quinta da Cruz,  
(lindo retiro de musas)  
sonha o gatinho de truz,  
com fuzas e semi-fuzas!



Súbitamente, recúa,  
no teclado de marfim...  
—E o piano continua:  
—Tom-tim-tom...  
tim-tom-tom-tim...



Mais uns passos para o lado,  
Caminha Mestre Rom-Rom...  
—E o piano, enfasiado:  
—Tom-tom-tim...  
tim-tim-tim-tom

Ao ver o piano só,  
e o salão deserto emfim,  
resolve fazer ó-ó,  
no teclado de marfim...

E eis que numa extremidade,  
Tareco faz sono bom,  
encetando, com vontade,  
o seu bonito ron-ron...

...De repente: — ...Tom-tim-  
tom...—  
põe-se o piano a tocar!  
E ao ouvir tão lindo som,  
Tareco fica a scismar!...



Nisto exclama radiante,  
Mestre Tareco Senhor:  
—Adormeci diletante  
e acordei compositor!!!—